



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12426 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

COISA DE MENINA OU COISA DE MENINO?: reflexões sobre a construção de gênero a partir dos estudos queer/decolonial

John Jamerson da Silva Brito - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Juliana Ferreira de Sousa - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Witembergue Gomes Zapparoli - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

COISA DE MENINA OU COISA DE MENINO?: reflexões sobre a construção de gênero a partir dos estudos queer/decolonial

COISAS INICIAIS

O gênero é uma construção social (LOURO, 2018) a partir de normativas que são postas como normais e únicas para homens e mulheres. Essas definições são dadas desde o momento que se descobre o sexo biológico do/a bebê, e assim inicia-se um processo de normatização acerca do que pode, não pode, e o que deve ou não fazer determinado gênero (LOURO, 2018).

Em consonância a isso, historicamente construiu-se que o papel da mulher é o do lar, o da boa moça comportada que deve estar sempre controlada e realizando atividades que não envolvam tanta força física, já o do homem é colocado como o forte, viril, que não pode chorar nunca, deve praticar esportes mais brutos e também deve ser sempre o provedor e mais forte de todos (BOURDIEU, 2012).

Pensando então a partir disso, compreendemos que é necessário haverem formas outras de desconstrução de determinadas “verdades” postas socialmente, e sendo assim, recorreremos ao livro infantojuvenil “Coisa de menina ou coisa de menino?” da autora Pri Ferrari como uma importante ferramenta que permite a reflexão acerca das normativas e construções binárias de gênero, podendo ser trabalhado no espaço escolar para diálogo e conversa sobre essa temática. O trabalho foi realizado através da leitura e análise da obra por meio dos estudos queer/decolonial para reflexão acerca da construção binária de gênero por meio de uma ideia colonial de definição dos gêneros.

Dessa maneira, na primeira seção realizamos uma breve discussão sobre os conceitos

referentes ao gênero, e a construção binária do mesmo dialogando a partir dos estudos queer/decolonial, e na última seção realizamos a análise da obra citada apresentando a mesma e depois refletindo a partir dela como importante dispositivo para superação dessas normativas, e por fim trazemos algumas reflexões sobre a importância do livro para o diálogo dessa temática no espaço escolar.

COISAS DE GÊNERO, O QUE É DE MENINO E O QUE É DE MENINA, ESTUDOS QUEER/DECOLONIAL EM VOGA

Os estudos de gênero possuem diferentes perspectivas que possibilitam a compreensão a partir de múltiplos enfoques, entretanto, no presente artigo recorremos a María Lugones (2008, 2014) para explicitar o gênero enquanto uma construção colonial, utilizado como artefato de poder para controle e normatização a partir de um sistema moderno/colonial (LUGONES, 2008).

O gênero então não passa de uma invenção social utilizada para dominação de grupos socialmente subalternizados, a partir do que Lugones (2014) define como Lógica Categorical (2008), pois ao refletir a partir da categoria gênero, não podemos excluir os outros marcadores sociais da diferença (MISKOLCI, 2017) que adentram em consonância com isso como a raça, classe social, local geográfico, faixa etária etc.

Os colonizadores ao estabelecerem determinadas relações no Brasil (LUGONES, 2014), propagaram discursos e construções que até hoje são reproduzidos por meio de artefatos culturais (filmes, séries, novelas, músicas, livros etc.), que buscam reforçar continuamente determinados papéis sociais a mulher e ao homem, atribuindo o que ou não fazer (LOURO, 2018).

A sociedade a todo momento busca definir coisas normais para determinado sexo, e aquilo que foge ao padrão como não normais (BOURDIEU, 2012), produzindo então um sistema e u m *habitus* que continuamente reproduzem discursos subalternizadores acerca de determinados gêneros.

Bourdieu (2012) já alertava acerca do papel da mulher, como o local privado, espaço único que ela poderia ocupar, enquanto o homem possuía o espaço público o direito a ir e vir. Os trabalhos domésticos unicamente voltados para as mulheres, o trabalho braçal do homem, que tem o dever de prover a sua família, enquanto a mulher deve ficar em casa cuidando dos/as filhos/as (BOURDIEU, 2012).

Sendo assim, a elas não sobra o espaço da linguagem e do protagonismo das relações exteriores, sobrando apenas os espaços privados e assim confirmando o papel de inferiorização e subalternidade perante os homens (BOURDIEU, 2012). Em vista disso, esses pensamentos e discursos são propagados e reproduzidos até os dias atuais.

O sexo biológico ao ser descoberto, segundo Louro (2018, p. 15) “[...] começa uma espécie de ‘viagem’, ou melhor, instala um processo que, supostamente deve seguir determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição sobre um corpo”. E esse ato de nomear determinado corpo, provoca a ideia que aquele corpo não pode fugir a nada que é posto como natural e dado ao sexo, e nesse caso a

ideia de sexo masculino e feminino, portanto, aquelas que nascem com vagina devem agir tal como uma mulher perante a sociedade, e aqueles que nascem com um pênis, tal qual como um homem, e todos/as que fogem a isso são anormais, excluídos e agredidos.

Em consonância a isso, buscamos suporte por meio dos estudos queer aliados aos estudos decoloniais para compreender como esses processos se estabelecem nas definições de gênero, e porquê são incoerentes e produzem formas de agressões contra as pessoas que fogem as normativas padrões.

Sendo assim, os estudos queer versam sobre os conceitos binários dos gêneros, questionando e problematizando os papéis dados aos gêneros e as sexualidades, provocando reflexões acerca do porquê determinada ação, fala ou roupa é para um gênero e outro não pode usar, ou então, porquê existem processos de subalternização mais frequentemente ligados ao feminino (MISKOLCI, 2017) e não ao masculino.

Corroborando a isso, os estudos decoloniais proporcionam uma agregação ao possibilitar a discussão a partir de um viés mais latino americano e regional, partindo da ideia de que o gênero não passa de uma construção colonial para normatização e controle dos corpos, por meio da ideia de inferiorização das mulheres, e na realidade de qualquer outro/a que seja ligado/a ou expresse o feminino (LUGONES, 2014);

A partir então desses diálogos iniciais, na próxima seção adentramos na discussão a partir do livro “Coisa de menina ou coisa de menino?”, que iremos analisar a partir dos estudos queer/decolonial, por meio da escolha de partes do livro que demonstrem uma transgressão aos padrões vigentes de gênero.

COISA DE MENINA OU COISA DE MENINO?

A obra cujo título nomeia essa seção e artigo, é um livro infantojuvenil, bastante curto com poucas partes textuais e algumas ilustrações, porém bastante potentes que representam uma discussão emergente no campo educacional (LOURO, 2018) por meio dos estudos de gênero na sociedade, e a partir da sua leitura possibilita uma reflexão e discussão no espalho escolar.

A obra é do ano de 2018, escrita por Priscila Ferrari Rezny, ou como é conhecida Pri Ferrari, publicada pela editora Bonifácio e de acordo com as informações contidas no livro, a autora idealizou esse livro para o Ensino Fundamental, pois acredita que essa discussão é primordial e necessária para essa etapa de ensino.

A escolha dessa obra para análise no presente trabalho se deu por conta da sua temática ser bastante importante e potente, além de ser o campo de pesquisa dos/as autores/as deste artigo. Outro fator de decisão foi a presença do mesmo no acervo literário da escola pública municipal que o primeiro autor trabalha.

IMAGEM 01: Capa do livro “Coisa de menina ou coisa de menino?” de 2018.



Fonte: Imagem retirada da internet, Google Imagens, 2022.

A capa do livro já possibilita observarmos elementos que a autora e também ilustradora Pri Ferrari optou por escolher, trazendo a figura de meninos realizando atividades comumente significadas para meninas, e elas realizando as atividades significadas de meninos. Nesse sentido, já podemos adentrar que a autora irá fugir um pouco ao comum que se espera para determinada obra, pondo meninos fazendo atividade consideradas masculinas e meninas fazendo aquelas consideradas femininas.

O livro é dividido em duas partes, na primeira parte a autora apresenta as coisas de meninas e na segunda parte ela apresenta as coisas de meninos. Ela inicia perguntando “O que é coisa de menina?” e assim inicia uma viagem literária por várias atividades e ações que as meninas podem fazer, porém é nesse momento que você percebe a sagacidade da autora, pois ela apresenta apenas coisas que habitualmente seriam imaginadas serem realizadas por meninos, como gostar de dragões, participar de esportes, serem médicas, astronautas entre outras coisas que a sociedade impõe como papel de menino (LOURO, 2018).

Nesse sentido, para nosso trabalho, selecionamos algumas das coisas que acreditamos serem essenciais dialogarmos para compreender essa construção de gênero. Em dada parte do livro, a autora apresenta que “meninas são criativas e gostam de super-heróis, anéis mágicos e sabres de luz”, nos remetendo então a história em quadrinhos – HQ de heróis, que comumente são dados como coisa de meninos. Louro (2018) então nos permite compreender que a partir da ideia do que é de menino e o que é de menina, as vezes ocorrem cerceamentos do que eles/as podem fazer, e sendo assim, as meninas não poderiam gostar disso, tendo que voltar seus olhos apenas para brincadeiras como bonecas e desenhos como Barbie, Clube da Winx entre outros que são atribuídas as meninas, porém Pri Ferrari foge a isso, e apresenta a versão das meninas que amam heróis e grandes batalhas.

Ao refletir então sobre isso, podemos compreender o gênero como uma imposição, ao qual existem funções e ações já determinadas que devem ser seguidas arrisca por aqueles e aquelas que vivem sobre o sistema social baseado no binarismo e dicotomia dos gêneros, sendo masculino e feminino, “[...] o gênero é uma imposição colonial” (LUGONE, 2014, p. 942).

Conforme Lugones (2014) aponta, o processo colonial impõe essas categorizações de

gênero, porém são necessários movimentos outros de resistência, para que sejam compreendidos os processos subalternizadores, e para que assim sejam transgredidos e superados.

A autora Pri Ferrari também apresenta as meninas que gostam de mecânica, pois podem gostar de consertar motos e ter a liberdade de viajar mundo afora, e nesse momento podemos recorrer a Bourdieu (2012) que nos faz refletir acerca do papel dado a mulher como o espaço privado, único da casa, não tendo a liberdade de ir para além disso, além das profissões que unicamente devem ser voltadas para o cuidado, ou então para a casa, costura ou limpeza (BOURDIEU, 2012), e aqui não, elas assumem um papel de protagonismo para fora dos espaços privados, em uma profissão comumente masculinizada.

IMAGEM 02: Fotografia das páginas do livro contendo uma das paixões que as meninas podem ter.



Fonte: Acervo do autor. Imagem fotografada do livro, 2022.

Meninas são corajosas, fortes e gostam de vídeo game, são algumas das considerações da autora, o que nos proporciona também entender que o papel dado e atribuído a mulher sempre foi o de fragilidade, de inferioridade (LOURO, 2018; BOURDIEU, 2012), e aqui não, elas são as protagonistas, empoderadas, ou poderosas como a autora pontua, e como tal merecem estar presentes em todos os espaços, além de gostarem do que quiserem.

Adentramos então na segunda parte da obra, ao qual a autora traça “O que é coisa de menino?” e aborda então sobre coisas comumente femininas ou que podem ser julgadas se forem feitas por um menino, e sendo assim, ela apresenta que meninos gostam de dançar, de cuidar e de serem bons amigos. Ao traçarmos então o paralelo, Bourdieu (2012) nos diz que o homem perante a sociedade deve apresentar uma virilidade, uma força, e tal qual não deve ter emoção, pois se isso ocorrer é um sinal de fraqueza, ao passo que remete ao feminino, e as feminilidades. Pensando então nisso, Miskolci (2017) nos diz que aquilo que é feminino não é importante, e deve ser ignorado a partir do que a sociedade considera como papel do homem e da mulher, e qualquer pessoa que apresente essas características é posta como inferior.

Pri ainda apresenta que meninos podem e ficam tristes, e devem chorar quando sentem vontade, pois existe certas ideias de que o homem a todo momento deve apresentar força, e nunca demonstrar uma fraqueza (BOURDIEU, 2012). Além disso os meninos não só podem, como devem fazer tarefas domésticas, pois isso também é um papel de ajuda no processo de casa e do ambiente familiar.

IMAGEM 03: Fotografia das páginas do livro, retratando sobre a possibilidade de os meninos poderem ficar tristes.



Fonte: Acervo do autor. Imagem fotografada do livro, 2022.

Bourdieu (2012, p. 17) nos lembra que “a divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável”, expondo que essa função da dona de casa, do cuidar, do criar os/as filhos/as sempre foram das mulheres, tal qual o espaço privado, enquanto o homem unicamente deveria prover e sustentar a família, porém esse processo precisa ser quebrado, ao passo que entendemos que não devem ser estabelecidas essas situações pela simples definição do que é do homem e da mulher.

Sendo assim, a autora encerra a obra com duas frases “Coisa de menina é tudo aquilo que ela quiser. Coisa de menino é tudo aquilo que ele quiser.” (FERRARI, 2018, p. 70 e 71), e corrobora com as ideias que Louro (2018) e Miskolci (2017) nos proporcionam, ao passo que não devem existir papéis ou funções atribuídas pela simples ideia da genitália ou do sexo biológico, mas pela identificação, pelo gostar, pelo simples fato de sermos seres humanos e fazermos aquilo que gostamos e queremos.

COISAS FINAIS

As construções de gênero ainda são pautadas em um binarismo que põe determinado papel para a mulher e outro para o homem, ao qual não podem e não devem fugir, essas normativas são resquícios de uma construção e ideia colonial conforme Lugones (2008, 2014) pontua, entretanto, existem formas outras de vermos isso fugindo a esse binarismo.

Por meio de sua obra, Pri Ferrari empreende uma discussão potente, que pode ser levada ao ensino fundamental por meio da leitura e discussão do livro, que aborda sobre escolhas e as quais devem ser dadas e apresentadas todas as possibilidades, para que as crianças escolham o que querem ser, fazer, brincar.

Destarte a isso, compreendemos então que a potência em abordar sobre a ideia contrária dos gêneros e funções podem provocar uma boa discussão em sala de aula, que possibilite uma reflexão por parte das crianças a partir da ideia da construção binária de gênero,

questionando e desconstruindo determinadas verdades que são postas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11^o ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2012.
- FERRARI, Pri. **Coisa de menina ou coisa de menino?**. 1^o ed, São Paulo, Editora Bonifácio, 2018.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaio sobre sexualidade e a teoria queer. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LUGONES, María. “Colonialidad y género”. **Tabula Rasa**, Bogotá, Colombia, n. 9, p. 73-101, jul./dic. 2008.
- LUGONES, María. “Rumo a um feminismo descolonial”. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez., 2014.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Cadernos da Diversidade n^o 6, 3 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, UFOP– Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.